

Revista Filosófica de Coimbra

VOL. 1 • N.º 2 • OUTUBRO 92

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *Modernidade, Fundamentalismo e Pós-Modernidade*

J. Ma. Ga. GOMEZ-HERAS - *La Naturaleza Reanimada - Del Desencantamiento del Mundo en la Racionalidad tecnológica al Reencantamiento de la Vida en la Utopia ecológica*

AMÂNDIO A. COXITO - *Ainda o Problema da Filosofia Portuguesa - Recordando Joaquim de Carvalho, no Centenário do seu Nascimento*

FRANCISCO V. JORDÃO - *Joaquim de Carvalho e Espinosa - O Acordo de Intenções no Campo político-religioso*

JOAQUIM NEVES VICENTE - *Subsídios para uma Didáctica Comunicacional no Ensino-Aprendizagem da Filosofia*

MÁRIO A. SANTIAGO DE CARVALHO - *Noção, Medição e Possibilidade do Vácuo segundo Henrique de Gand*

ZEKL, Hans Günther: *Topos. Die aristotelische Lehre vom Raum. Eine Interpretation von Physik, Δ 1-5.* (Hamburg: Felix Meiner, 1990) VII + 289 pp.

H. G. Zekl tem consciência das dificuldades que se deparam a quem quiser ocupar-se hoje com a *Física* de Aristóteles e muito particularmente com a doutrina do lugar/ espaço. Isto apesar de Heidegger ter caracterizado a *Física*, no seu conjunto, como "o livro fundamental da filosofia ocidental, ocultamente e por isso nunca suficientemente pensado" (Satz vom Grund, 112). Daí a necessidade de obter um horizonte a partir do qual seja possível ainda hoje reflectir sobre a *Física* de Aristóteles em geral e sobre a sua doutrina do topos sem desembocar numa floresta de enganos. Zekl define sumariamente este horizonte a partir de três características fundamentais. Em primeiro lugar, o princípio da racionalidade: para Aristóteles, a sua reflexão sobre o topos insere-se num quadro de racionalidade metódica e crítica orientada pela observação e experiência e que não tem nada que ver com qualquer misticismo topológico ou cabalístico. A segunda característica seria a interdisciplinaridade dado que este tema exige como poucos o concurso da matemática, ciências da natureza e filosofia. A investigação interdisciplinar é apresentada hoje, muitas vezes, como um novo paradigma. Dentro dos seus limites, "a física aristotélica foi sempre interdisciplinar, no sentido de estar aberta e em comunicação com outros methodoi aristotélicos como: lógica, dialéctica, doutrina dos princípios, da matéria e suas transformações, astronomia, meteorologia, psicologia, investigação sobre o comportamento, anatomia, movimento e reprodução dos seres vivos e ainda a metafísica"(2). A terceira dimensão do horizonte aqui esboçado seria a Alternativa não-cartesiana, tornada urgente pela falência do paradigma científico-técnico dominante na Modernidade. Zekl parte da urgência de uma viragem, sublinhada, entre outros, por C. F. v. Weiszäcker. Não se trata aqui de reclamar um regresso acrítico a uma posição pré-moderna sob a forma de um retorno a Aristóteles mas sim de integrar a leitura do texto aristotélico no quadro de uma reflexão exigente sobre modelos alternativos de uma forma de ciência de tipo não cartesiano (3). O presente estudo de H. G. Zekl insere-se numa linha programática de interpretação do texto aristotélico definida por O. Gigon como a necessidade de dar prioridade a análises do texto aristotélico em que cada frase é interpretada por si e em função do seu contexto imediato de forma a chegarmos à reconstrução interpretativa do contínuo de determinado texto. Trata-se, portanto de uma microanálise do texto de *Física* Δ 1-5 sobre o topos. Em rigor, nem Platão nem Aristóteles esboçaram qualquer teoria do espaço. A sua reflexão gira em torno da problemática do lugar dos corpos naturais. Daí a necessidade de situar o texto da *Física* sobre o lugar no quadro do pensamento aristotélico. Depois de uma série de considerações preliminares sobre o estado da questão (reconstrução do pensamento de Aristóteles, forma do texto, tema), H. G. Zekl analisa a determinação fundamental do lugar/espaço nas *Categorias* fazendo, em seguida, um contraste com a definição quasi lexicográfica de topos em *Metafísica* 13 (21-46). O resto do livro gira em torno da interpretação de *Física* Δ 1-5, texto que tem como tema o lugar físico enquanto determinação central da physis. Os conceitos "infinito", "lugar", "vazio" e "tempo", contrariamente àquilo que sucede com o de movimento (Kinesis), são problemáticos para Aristóteles no sentido em que há muitas coisas que não são claras a seu respeito a começar pela questão de saber se existem realmente ou não. Aliás, como é sabido, o vazio, por exemplo, não existe de acordo com o texto da *Física* e Aristóteles explica porque é que ele não pode admitir a existência do vazio postulada pelos atomistas antigos. Assim, o texto da *Física* apresenta-nos a análise aristotélica destes conceitos centrais em três momentos: existência (ou não), modalidade da existência e definição. O texto de *Phys.* Δ 1-5 segue igualmente este esquema genérico

que vai servir de fio condutor à investigação minuciosa de H. G. Zekl. Numa primeira aproximação, H. G. Zekl explora as antinomias físicas ligadas à tese da existência do lugar. Dado que o texto aristotélico é muito sintético no que se refere ao enquadramento histórico desta problemática (o que talvez não seja de admirar se nos lembrarmos que Aristóteles pensava que também nesta matéria não tinha recebido qualquer legado digno de nota) tem particular interesse o Excursus sobre as opiniões dos antecessores de Aristóteles (56-69).

A resposta à primeira questão parece fácil, pelo menos a nível intuitivo. O facto de os corpos naturais mudarem de lugar parece indicar que este é diferente de todos os corpos que podem "estar nele". Aliás, a existência de seis direcções diferentes, suposta no texto, implica uma teoria do movimento dos corpos naturais que vai no mesmo sentido (71-73). Contudo, a introdução de uma componente cosmológica nesta análise do lugar vem introduzir alguns factores de perturbação no quadro conceptual da física aristotélica. Num universo esférico como é o aristotélico, as direcções para cima e para baixo (ou na linguagem problemática dos "lugares naturais": em cima e em baixo) podem ser de certa forma reinterpretados em termos de periferia (em cima) e centro do todo (em baixo). Foi isto que fez a tradição de leitura irreflectida do texto aristotélico, partilhada pelos defensores cegos do Estagirita e pelos seus adversários igualmente pouco dados a um maior rigor hermenêutico. Esta reinterpretação já não é tão fácil de fazer - no universo esférico de Aristóteles - com os pares esquerda/direita, à frente/atrás. H. G. Zekl chama a atenção para alguns dos principais problemas que se colocam neste contexto (72-82). O primeiro momento da análise aristotélica termina com a conclusão de que o lugar existe e que todos os corpos naturais ocupam determinado lugar (88-89). Mas, mesmo que se dê por positivamente resolvida a primeira questão, resta ainda a difícil tarefa de encontrar uma resposta satisfatória à pergunta, o que é o lugar? Para chegarmos lá é necessário passarmos pela análise do segundo momento da reflexão aristotélica. Em ordem a clarificar melhor o ductus do texto, H. G. Zekl começa por salientar uma série de seis aporias relativas à definição e existência do lugar: tridimensionalidade, redução geométrica, noções de elemento e de causalidade, o paradoxo de Zenão de Eleia e o crescimento (90-100). Segue-se a análise do texto de 209a31-210a13 (101-118). Não se trata tanto de julgar os conteúdos objectivos adquiridos na análise como de salientar os processos argumentativos usados no texto. A análise das aporias permitiu encontrar uma primeira resposta a duas questões colocadas no início do texto em apreço (208a28). Por um lado, é manifesto que o lugar existe e sem admitirmos a sua existência não se pode compreender adequadamente a estrutura fundamental da *physis* que é a mudança (*kinesis*). Por outro lado, essas mesmas aporias mostram que não se pode aceitar acriticamente um conceito de lugar (topos) que nos leve a pensar que a existência do lugar e o seu modo característico são algo de imediatamente acessível e claro para todos. Daí que a tentativa de definição (210b32-212a30) seja inseparável dos problemas levantados ao longo da análise. H. G. Zekl faz uma análise minuciosa deste texto e dos pressupostos da argumentação aristotélica (136-210). Na última parte do livro, faz uma série de esclarecimentos complementares e algumas considerações sobre as principais consequências da análise aristotélica no âmbito da cosmologia e do quadro conceptual em que se desenvolve a física aristotélica (211-260). Estamos perante um estudo rigoroso do texto aristotélico que se orienta pela letra do texto de *Phys. Δ* 1-5, como não poderia deixar de ser, mas que não perde de vista o fio condutor principal que é o ductus da análise aristotélica do lugar. Por isso, é um livro que como o próprio autor sublinha, não se presta a uma súmula que compendie os resultados da análise pois o que há de mais importante aqui reside na própria investigação, no caminho penoso para a definição. Como H. G. Zekl diz, com alguma ironia, "aqui não existe a célebre escada que se pode deixar cair depois de com ela ter atingido um nível superior" (262). Também não é, como o próprio título o indica,

uma análise completa do conceito de lugar no Corpus Aristotelicum. Tal não seria viável se o autor quisesse manter o mesmo nível de análise e confinar-se a um número razoável de páginas. Entre outras coisas, falta a análise de textos centrais para a concepção do lugar em *De caelo* A, B e *Met.* XII, 8. Tal análise revelar-nos-ia, para além de novos aspectos da dimensão cosmológica, os traços centrais da dimensão antropológica do lugar. Porém, o objectivo principal de H.G.Zekl era fazer uma análise detalhada dos momentos por que passa a reflexão aristotélica em *Phys.* Δ 1-5. Podemos dizer que a sua reconstrução foi levada a bom termo e de uma forma exemplar.

António Manuel Martins

HONNEFELDER, Ludger: *Scientia transcendens. Die formale Bestimmung der Seiendheit und Realität in der Metaphysik des Mittelalters und der Neuzeit* (Duns Scotus - Suárez - Wolff - Kant - Peirce). (Hamburg: Felix Meiner, 1990) XXIII + 568 pp.

Ludger Honnefelder persegue neste trabalho uma intuição que já estava presente na sua dissertação sobre a metafísica de Duns Escoto, *Ens inquantum ens* (Münster, 1979) e que aparece muito claramente na parte final em que o autor procura situar historicamente o projecto de Escoto definindo-o como a transformação da metafísica em ciência transcendental (*scientia transcendens* - precisamente o título da obra que agora nos cumpre analisar) (396-404). Aquilo que naquelas páginas finais era simples alusão transformou-se agora em objecto principal de investigação. A prossecução de tal investigação insere-se num quadro de articulação da ontologia medieval com a ontologia moderna. O nexo entre as várias configurações históricas destas duas grandes épocas da história do pensamento é algo que está ainda muito pouco estudado. E o pouco que existe, pelos limites e parcialidade inerentes, conduz facilmente a uma floresta de enganos. Honnefelder aproveita toda a investigação por ele realizada sobre Duns Escoto e, recorrendo a toda uma série de trabalhos publicados sobre os principais pensadores da Modernidade designadamente sobre Kant, procura seguir as vicissitudes da recepção do conceito de metafísica como *scientia transcendens* no pensamento moderno. É claro que não se trata de simples recepção mas igualmente, em maior ou menor grau conforme os casos, de transformação do ponto de partida inicial. Assim, torna-se decisivo para o horizonte da investigação de Honnefelder a introdução da compreensão da realidade como a questão central que pode polarizar um interesse de algum modo comum aos autores investigados. Honnefelder desenvolve aqui um projecto paralelo mas de sentido inverso ao de Gilson em *L'être et l'essence*. Aceita-se, nos seus traços gerais, a linha de desenvolvimento da influência da metafísica de Escoto em pensadores posteriores designadamente em Suárez e Wolff. O que Honnefelder não aceita é a superioridade do projecto tomasiano reclamada por Gilson. Pelo contrário, Honnefelder parte do pressuposto de que a definição da metafísica como *scientia transcendens* em Duns Escoto é não só o conceito de metafísica mais influente nos finais da idade média e princípio dos tempos modernos como aquele que é, de facto, teoricamente mais aceitável. Portanto, a haver superioridade de algum dos vários projectos de determinação da metafísica como filosofia primeira esboçados na época medieval, ela pertenceria sem qualquer margem para dúvida ao esboço de Duns Escoto. Esta é, de algum modo, a tese central de Honnefelder neste texto. A monografia de Honnefelder está estruturada em quatro partes e uma conclusão. Na primeira parte (3-199) desenvolve a concepção de Duns Escoto em que a metafísica teria sido definida,